

Berggasse 19

*Revista de Psicanálise da Sociedade Brasileira
de Psicanálise de Ribeirão Preto*



Vol. X no. 1 2020

ISSN 2177-3033

Comentários ao trabalho “A liberdade do analista em múltiplos cenários clínicos”

Beatriz Troncon Busatto¹, Ribeirão Preto.

As ideias que se seguem se constituem em um tipo especial de elaboração psicanalítica, a partir da proposta-convite da revista de psicanálise Berggasse 19. Fui estimulada a criá-las para a edição de 10 anos da publicação, comentando um dos trabalhos do Vol. 1, número 1. É grande a satisfação com os desenvolvimentos da revista e sua penetração crescente no meio psicanalítico. O momento é de celebração, oportuno ao reconhecimento do trabalho incansável de tantos colegas da SBPRP. Sentindo-me grata pela oportunidade, parablenizo a Berggasse 19.

Dou-me então à tarefa de ler o artigo a ser comentado como se fosse pela primeira vez. O título é “A liberdade do analista em múltiplos cenários clínicos”. Liberdade e multiplicidade tomam conta de minha mente logo de saída. Uma pergunta me intriga: seria possível ser analista e não ter liberdade? A que liberdade a autora do texto se refere?

Com estas questões iniciais, prossigo minha leitura e me deparo com referências (e/ou inspirações) de diversos pensadores da Psicanálise que também conheci e estudei num passado não tão longínquo. Seria uma coincidência? A ideia da autora é a de que aquele que estuda pode realizar uma conexão própria e interna: seja do ponto de vista teórico, seja em termos do desenvolvimento de técnica. Discorre sobre liberdade no uso de seus objetos internos (seu referencial teórico parece ser estrutural), expressando configurações particulares de sua mente no trabalho analítico. Esta descrição, centrada no individual, tem o mérito de demonstrar desejo de

¹ Psicanalista, membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.

compreensões próprias serem alcançadas, valendo-se de símbolos próprios, aqueles da posição depressiva.

As concepções iniciais do trabalho pareceram a mim muito claras, mas a seguir, sintonizei um ponto significativo sobre as elaborações realizadas, a partir do estudo de autores consagrados. Por certo não podemos prescindir de discussões teóricas, muito menos de embasamento apropriado para nossa escrita, e menos ainda, para os atendimentos. Entretanto precisamos ter atenção para que nossa produção bem como as discussões científicas nas instituições e outras instâncias não se constituam em reproduções descritivas de conhecimentos desenvolvidos há décadas, por determinados autores. Seria útil tentarmos nos desviar de didatismos, discussões circulares e atitudes pouco originais que frequentemente emergem, não contribuindo para a expansão de nossas mentes e do nosso campo de conhecimento. Seriam dimensões que representam obstáculos ao desenvolvimento da Psicanálise? Como observar nossa falta de criatividade e seus disfarces, se alguns deles se apresentam justamente como erudição psicanalítica? Questões incômodas estas.... Pensá-las traria algum movimento.

Lembro-me de um capítulo sobre liberdade no livro *De que amanhã - Diálogo*, Derrida & Roudinesco (2001/2004), em que ambos discutem que cientificismo não é o mesmo que ciência. Liberdade está em jogo nas descobertas humanas, levando-se em conta nossa ignorância ciclópica sobre tudo que há para ser conhecido, incluindo o conhecimento de nós mesmos. Derrida pensa a liberdade na ciência como “um excesso de complexidade em relação a um estado maquinal determinado” (*Idem*, 2001/2004, p. 64). A máquina poderia ser, como exemplo, a linguagem, ou então a própria teoria freudiana. Os desdobramentos, entre a lógica do pensar uma determinada área e o que não conhecemos, não se constituem em uma simples oposição conhecido-desconhecido. Requerem uma atitude mental bem mais ampla na qual se possa abrigar o que ele chama de “advento imprevisível e incalculável do outro” (*Ibidem*). No trabalho analítico, recebemos o impacto desse incalculável do outro — e de nós mesmos, em conexão — ou não

— com o outro. Ao recebê-los, contamos com múltiplos aspectos de nossa intuição, que por sua vez estão imersos em um caldo de premissas teóricas. Diferentemente da autora, penso na ocorrência de lampejos, vislumbres de um mundo interno em provocação com outro mundo interno, mediante alguns fatos centrais da existência humana.

Uma expressão poética ilustra estas ideias:

“Pingente do lustre central da terra
Minha ampulheta de rosas
Você não voltará mais à superfície
Você me olha sem me ver nos jardins da provocação pura
Você me manda um beijo da portinhola de um trem que foge”
(André Breton, n.d.)

No item “inspirações” do trabalho de 2010, apresenta-se o pensamento de Antonino Ferro, e desenvolvem-se alguns questionamentos sobre a escuta analítica e a técnica interpretativa. Na reprodução gráfica, aparece um “campo analítico em expansão” (Ferro, 2004) com seu “prisma espaço-temporal” (*Ibidem*), decorrente da relação analista-analisando. Considera-se ali que difrações desse prisma — representações do que ocorre na dupla — são, logicamente, pertinentes à relação. Inicialmente poderiam ser conversadas da forma como surgiram no campo, sem que o analista fizesse aproximações transferenciais. É uma interessante postura técnica na clínica analítica, ao menos em parte. Acredito que a autora a utiliza por levar em conta aspectos do tempo necessário à formação do continente, da relação continente conteúdo, e das funções dessa relação que parecem se constituir numa linha condutora do seu texto.

Observamos, entretanto, que nem sempre há um campo em expansão. Podem surgir pressões para se reduzir o campo e, também, para alterar a qualidade das refrações. Uma passagem, no capítulo XI de *Os Elementos de Psicanálise* (Bion, 1963/1966), ilustra o grau de dificuldade do que ocorre na dupla analítica. Bion afirma que há obviedade na situação de haver acordo entre analisando e analista. O desacordo, entretanto, pode ser menos óbvio (*Idem*, p. 165). Nestas

ocorrências de difícil reconhecimento, a finalidade poderia ser a de não engajamento da dupla e a de promoção de enganos. Não falar claramente, sobre o que ocorre entre os dois participantes, não poderia favorecer a prevalência de elementos falsos? Esta é uma escolha que vai sendo pensada minuto a minuto no encontro analítico, não há resposta. Mas há momentos em que é crucial apontar ao analisando, com precisão, aquilo que é observado na sessão, trazendo o olhar para o momento exato, aquele exato segundo, algo que não é nada fácil, requerendo habilidade e experiência. Falar excessivamente sobre assuntos que não se constituem em algo próximo a uma associação livre, em contraste com a interpretação direta da experiência vivida na sessão, pode gerar boa dose de frustração... mas é a chance que temos de abrir algumas brechas para o desconhecido (infinito)... não se sabe, antecipadamente, se a dupla irá conseguir sustentá-las. É necessário, entretanto, que nos arrisquemos a ter esta vivência.

Estes aspectos clínicos se coadunam às considerações tecidas acima sobre trabalhos e discussões. Existe algo em nós e em nossos analisandos que busca a verdade de (em) cada encontro. Simultaneamente, alternativamente, ou em oposição, há algo que não quer a verdade de forma alguma, podendo favorecer a formulação de *slogans* ou de propaganda. As questões, por esses motivos, se revelam complexas, maiúsculas, de difícil percepção enquanto um conjunto. Parece que sempre estamos vendo uma mínima face.

Um dos livros citados pela autora é um marco na Psicanálise do fim dos anos de 1980. Trata-se de *A apreensão do belo* de Donald Meltzer e Meg Harris Williams (1988/1995). Dentre tantas contribuições originais sob influência das Artes, destaco que os autores pensaram que o bebê humano nasce mentalmente em integração. A desintegração (defesa) ocorreria como fruto do impacto estético vivido no encontro com a mãe. Sendo assim, para Meltzer, a posição depressiva seria fundante, porém tênue, e precederia, pensando numa linha do tempo, a posição esquizoparanoide. Considero uma elaboração interessante da teoria kleiniana.

Uma perspectiva que poderia ser desenvolvida a partir do

tema proposto pela autora é a de como a constituição de continente/contido se relaciona com as oscilações da posição esquizoparanoide e depressiva (PS↔D) (Bion, 1963/1966). Destaco uma vertente que encontrei nos *Elementos de Psicanálise*: tanto as oscilações PS↔D como as configurações conteúdo e continente podem ser intercambiáveis em suas características, quando necessário (*Ibidem*, p. 159). Algo de impacto similar à afirmação de Meltzer acima. Um segundo ponto que saliento é que conteúdo pode se relacionar à situação edípica (*Ibidem*, p. 160). Talvez isso possa ser aproximado do segundo caso apresentado. Isso me lembra que Bion desdobrou, digamos assim, a situação edípica em teorias que ele utiliza como seu equipamento teórico (*Idem*, 1965/2004, p. 66).

Ampliando a proposta da autora, conforme vamos nos desenvolvendo, um equipamento teórico vai sendo formulado, como as nossas matrizes de trabalho. Seu estabelecimento está em profunda conexão com o nosso mundo mental. Temos de conhecê-las em nós mesmos pela análise do analista. São mais ou menos fixas e estarão em conjunção com o nosso aprendizado de ser analista de cada pessoa que nos chega, algo completamente variável.

Bion e Meltzer (e Ferro também) nos legaram a postura da revisão constante do pensar psicanalítico. E nós, os analistas comuns, semelhantes às lindas mães comuns de *A apreensão do belo*? Estamos cientes de que para analisar temos de quebrar em pedaços? Destruir e reconstruir a nossa técnica?

Uma noite tive um sonho: visitava um lugar desconhecido com uma prima e sua filha bebê. Estávamos num lugar claro, ensolarado, com algumas alamedas e galpões grandes. Num espaço aberto, ao circundarmos um muro, nos deparamos com um jardim de fontes e espelhos d'água, adornados com figuras míticas esculpidas em argila, coloridas e arredondadas. Um universo surrealista se descortina com esculturas fálicas, com muitos formatos e cores. Partes do corpo feminino também existiam: seios, braços, ventres, nádegas. Há um paredão adornado com salamandras e encimado por estátuas de cobras cujas bocas lembravam o bico de um pato.

Minha prima se ausenta enquanto sua filha dorme. Quando ela acorda e me olha entre curiosa e espantada, diz: *Mamãe?*

Ao fundo, um senhor muito idoso, de cabeça totalmente branca, recepciona convidados com pouquíssimas palavras, mas com atitude acolhedora. Logo desaparece. No alto de um muro há a seguinte frase pintada, cujo autor, desconhecido para mim, diz: “O artista que não analisa e não destrói continuamente a sua arte, é um pobre diabo.” (Cesare Pavese, n.d.).

Sonhei (e continuo sonhando) com o meu, com o nosso amanhã. Sonhei com as matrizes humanas que estou cultivando (e selecionando). E sonhei com uma autora: a do texto de hoje em paralelo com a outra autora, eu mesma, do texto concebido há mais de 10 anos. Sonhei com o incalculável, com o múltiplo, deixando que livremente evoluções emergissem, como se estivesse numa sessão de análise.

Esta autora, eu a teria conhecido, de fato, algum dia? Talvez a tenha encontrado aqui, neste ponto dos comentários, 10 anos depois, nas permanências entre quem fui e quem sou.

“O sonho, em última instância, é uma narrativa e uma janela narradora para dentro de nossa vastidão cósmica interior. Nossa capacidade para autotranscendência, por fim, depende da dosagem de dor que nossas mentes podem tolerar no bucho desenrolante desta vastidão.” (Grotstein, 2000/2003, p. 89).

Referências:

Bion, W. R. (1966). *Os Elementos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1963).

_____. (2004). *Transformações. Do aprendizado ao crescimento*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965).

Pavese, C. (n.d). Frase colhida pela autora em parede da *Oficina Cerâmica Francisco Brennand* em Recife, Pernambuco, Brasil.

Breton, A. (n.d.). *O Poço Encantado*. (R. Ferraz Trad). Disponível em <http://eleusiana.blogspot.com/2012/03/les-puits-enchante-poema-de-andre.html?m=1>

Em francês <https://www.andrebreton.fr/fr/work/56600100935190>

Meltzer, D., Williams, M. H. (1995). *A Apreensão do belo*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988).

Derrida J., Roudinesco, E. (2004). *De que Amanhã - Diálogo*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 2001).

Ferro, A. (2004). Interpretação: sinais do campo analítico e transformações emocionais. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38(2),389-401.

Grotstein, J. (2003). *Quem é o Sonhador que Sonha o Sonho? Um Estudo de Presenças Psíquicas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 2000).

Beatriz Troncon Busatto

Endereço: Av. Antonio Diederichsen 400, Sala 606

Jardim América - Ribeirão Preto/SP

CEP: 14020-250

E-mail: beatriztbusatto@gmail.com

Telefone: (16) 3632 2888.

Editora: Adriana Vilela Jacob-Francisco